

LEONARDO MOTA NETO

BMC

LIBREIU

DRAZILIENSE

Rusgas esquecidas

02 AGO 1988

O presidente da República Interino, Ulysses Guimarães, não vai exercer no comando da Nação qualquer providência ou iniciativa política que o leve a uma posição de confronto com os interesses do presidente Sarney na Constituinte ou na administração. As demissões dos ministros já foram assimiladas, como um fato que exerceu sua influência sobre uma zona limitada de conflito.

A Constituinte mostra que não é independente das variações de temperatura e pressão do Poder Executivo: toda vez que o presidente da República se ausenta do País, a produção constitucional cai, como a simbolizar que um poder vive para o outro. Constituinte sem o presidente Sarney aqui não é atração: não há a quem contestar, nem confrontar. Por falta dessa matéria-prima é que não tem havido número para votações, nem avançam as conversações, com vistas a um entendimento em torno das emendas a serem suprimidas. Se o Executivo estivesse tão debilitado e exangue, a Constituinte estaria se reunindo na ausência do presidente da República para lhe impor suas verdades e decisões.

Mas tal não existe. O Poder Central conservará sua força imperial, até quando restar a última caneta Bic na face da terra. O Presidente em exercício da República bem sabe disso, e sua aliança tática com Sarney implica a adoção de uma postura compreensiva, uma vez que grande parte das

mazelas derivadas do atual processo constituinte irá desaguar justamente no próximo período governamental, para o qual ele é candidato forte. Não haverá querelas definitivas nem rompimentos extremados: tudo transcorrerá como se as personagens estivessem lendo um script previamente elaborado, no qual as cenas de tempestades e turves devem ser levadas na conta de artifícios creditados ao talento de um bom diretor de efeitos especiais, no caso, o ministro Ronaldo Costa Couto, o intermediário da paz permanente.

Tudo irá seguir esse roteiro até depois das eleições municipais para uma avaliação de quem sucumbiu e de quem poderá ir em frente, avançando novas casas no jogo do poder. O Presidente em exercício da República irá primeiramente arrumar sua própria casa, rumo à vitória por aclamação na Convenção Nacional que formará a nova executiva do PMDB, na qual estará, como secretário-geral — novo papel que o script da peça lhe atribui — o ex-ministro Renato Archer.

Sendo assim, todas as rusgas estão superadas. Os ministros que saíram já não são mais lembrados pela máquina de fatos que tritura incessantemente os episódios passados, para cumprir sua função de produzir o grande espetáculo político da sucessão presidencial, para o qual todos, sem exceção, estão jogando.